

Projeto: Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2021)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – MOURA, Gabriella Garcia; SOUZA, Gisele Mathias de; AMORIM, Kátia de Souza. Interações de pares de bebês em programa de acolhimento institucional. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, Marília, v. 30, n. 1, 2020.

2) Resumo e Palavras-Chave – Introdução: Com base na perspectiva da intersubjetividade infantil, entende-se que bebês são capazes de interagir com bebês desde muito cedo; e tais interações podem oferecer importantes experiências constitutivas às crianças. Objetivo: Investigou-se como se dão as interações de bebê-bebês crianças pequenas em instituição de acolhimento (abrigo), descrevendo: a frequência destas interações; os recursos emocionais comunicativos envolvidos; a responsividade dos parceiros; e, a organização do ambiente enquanto circunscritor. Método: Conduziu-se Estudo de Caso descritivo-exploratório, de abordagem qualitativa, acompanhando as interações de bebê focal (10-13 meses) com seus pares (de 4 a 17 meses), em instituição acolhimento. Realizaram-se videografações semanais, por três meses no contexto naturalístico. Categorias como “orientação da atenção”, “busca/manutenção de proximidade”, “trocas sociais” e “responsividade” foram quantificadas e comparadas com interações bebê-cuidadores. Episódios interativos foram minuciosamente descritos. Resultados: A organização do espaço físico-social foi marcada por berços, carrinhos, portões e grades, com poucos brinquedos disponíveis. Verificou-se que os bebês permaneceram grande parte do tempo em atividades individuais (sozinhos) e seus comportamentos sociais foram mais frequentemente direcionados aos cuidadores. As interações bebê-bebês/crianças pequenas ocorreram em menor frequência e, mesmo assim, foram nestas que mais se observaram atividades conjuntas e interações co-reguladas (envolvendo reciprocidade e compartilhamento). A responsividade dos pares envolveu, inclusive, comportamentos empáticos e prósociais (com experiência de engajamento interpessoal), onde operavam processos atencionais, emocionais e motivacionais. Conclusão: As interações de pares de bebês acolhidos se mostraram pouco frequentes. Mas, quando ocorreram, as crianças demonstraram sensibilidade e responsividade às expressões emocionais-comunicativas dos seus coetâneos. A organização do ambiente institucional mostrou-se relevante circunscritor das interações de pares: pelo arranjo material/espacial que dificultava o contato entre as crianças pequenas; e pela ausência do adulto como agente promotor destas interações. Destaca-se a importância de novas investigações sobre indicadores interacionais no acolhimento de bebês.

Palavras-chave: bebês; criança acolhida; interação social; interação de pares.

3) Objetivo do estudo – Investigar como se dão as interações de bebê-bebês/crianças pequenas em instituição de acolhimento (abrigo), descrevendo: a frequência destas interações; os recursos emocionais comunicativos envolvidos; a responsividade dos parceiros; e, a organização do ambiente enquanto circunscritor.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Não identificado.

6) Forma de coleta de dados – Conduziu-se Estudo de Caso descritivo-exploratório, de abordagem qualitativa, acompanhando as interações de bebê focal (10-13 meses) com seus pares (de 4 a 17 meses), em instituição acolhimento. Realizaram-se videograções semanais, por três meses no contexto naturalístico. Categorias como “orientação da atenção”, “busca/manutenção de proximidade”, “trocas sociais” e “responsividade” foram quantificadas e comparadas com interações bebê-cuidadores. Episódios interativos foram minuciosamente descritos.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – A análise dos dados teve como foco: 1) a frequência de ocorrência das interações de pares (inclusive, em comparação com a frequência de interações com adultos cuidadores); 2) a responsividade dos parceiros; 3) os recursos emocionais e comunicativos envolvidos; 4) os aspectos psicossociais constituídos e constitutivos da sociabilidade infantil nesse contexto; e 5) a organização do ambiente, entendendo este como um dos elementos circunscritores dos limites e das possibilidades nas interações dos pares. Buscando descrever esses pontos, a análise dos dados foi conduzida em três etapas. Primeiro foi feito um mapeamento geral das videograções buscando demarcar a ocorrência das interações de Luis Guilherme com as demais crianças. A “interação” foi compreendida como um potencial de regulação entre componentes do campo interativo. Assim, a “regulação” se refere ao comportamento socialmente dirigido ao outro ou em função do outro, independentemente de haver resposta, podendo ocorrer mesmo à distância e sem a criança perceber que está regulando o comportamento do outro. Já a “co-regulação” envolve reciprocidade e comportamentos mutuamente direcionados. Partindo desta definição operacional, foram registrados: duração do episódio; participantes envolvidos; local onde estavam; enredo dos acontecimentos (o motivo central); e recursos expressivos e comunicativos utilizados. Ainda, neste mapeamento buscou-se descrever a organização do ambiente físico e social em que se davam (ou não) as interações dos pares. Em um segundo momento, com o intuito de apreender se haviam parcerias preferenciais, foi realizada uma observação sistemática das videograções, buscando quantificar a frequência de ocorrências das seguintes categorias: “orientação da atenção”, “busca/manutenção de proximidade” e “trocas sociais” (interações co-reguladas) de Luis Guilherme direcionadas a crianças e adultos deste contexto, considerando a responsividade dos parceiros.

Igualmente, foram quantificadas as ações dos bebês/crianças direcionadas a Luis Guilherme (tais como vocalizações, toques, busca de proximidade, etc.), contabilizando a presença ou ausência de resposta de Luis Guilherme a estes comportamentos. E, ainda, foram contabilizadas as ações de adultos direcionadas a Luis Guilherme (como falas, objetos oferecidos, etc.), contando também os índices de respostas do bebê. Em um terceiro momento, foram selecionados dois episódios interativos referentes aos dois dias em que os índices interativos de Luis Guilherme com os pares foram mais elevados. Trata-se de um episódio da Semana 2 e um da Semana 5, nas quais Luis Guilherme interagiu, respectivamente, com Beatriz e Lucas. Tais episódios foram selecionados pelas suas especificidades que permitem discutir aspectos psicossociais do desenvolvimento dos bebês.

8) Resultados / dados produzidos – A organização do espaço físico-social foi marcada por berços, carrinhos, portões e grades, com poucos brinquedos disponíveis. Verificou-se que os bebês permaneceram grande parte do tempo em atividades individuais (sozinhos) e seus comportamentos sociais foram mais frequentemente direcionados aos cuidadores. As interações bebê-bebês/crianças pequenas ocorreram em menor frequência e, mesmo assim, foram nestas que mais se observaram atividades conjuntas e interações co-reguladas (envolvendo reciprocidade e compartilhamento). A responsividade dos pares envolveu, inclusive, comportamentos empáticos e pró-sociais (com experiência de engajamento interpessoal), onde operavam processos atencionais, emocionais e motivacionais.

9) Recomendações – Na pauta das discussões sobre os projetos político-pedagógicos e planos de atendimento dos programas de acolhimento à primeira infância, deve-se considerar o papel mediador do adulto na organização dos espaços e a importância do ambiente de cuidado ser desafiador, criativo e estimulante, com obstáculos, cantos e objetos que permitem interações e experiências variadas. Com a presença constante do cuidador e estruturando zonas de movimento, oferecesse um ambiente acolhedor, seguro e protegido, onde as crianças possam explorar conjuntamente, deslocar-se e ter contato não só com o adulto, mas com o par, junto com o qual também constrói seus conhecimentos, sua linguagem, cultura e a si próprio como sujeito.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.